

# A biografia linguística na sensibilização à diversidade linguística e cultural: uma estratégia na formação inicial de professores.

Autoras: Ana Sofia Pinho & Ana Isabel Andrade  
Instituições financiadoras: Fundação para a Ciência e Tecnologia  
CIDTFF/UA  
Instituição Nacional: Universidade de Aveiro - Portugal  
Contacto: [anapinho@dte.ua.pt](mailto:anapinho@dte.ua.pt); [aisabel@dte.ua.pt](mailto:aisabel@dte.ua.pt)

## Biografia Linguística: uma estratégia de formação

*A exploração da história linguístico-comunicativa é um material de formação fundamental para a construção de um conhecimento profissional mais capaz de concretizar políticas linguísticas.*

Moreira, Andrade & Martins (2001: 8)

A biografia linguística é uma estratégia preferencial para levar o futuro professor a um processo de descoberta das suas experiências de aprendizagem linguístico-comunicativas, contribuindo para a construção de uma capacidade de auto-análise constante.

É um espaço de reflexão construtiva, pois ao documentar as suas experiências linguístico-comunicativas e de aprendizagem de línguas, o futuro professor identifica tendências, percepções, representações e atitudes em relação ao mundo das línguas e das culturas, desenvolvendo um processo de “auscultação”, isto é, de questionamento, relativização, auto-transformação e construção. Tal como Ricoeur (1985) escreve, *“um indivíduo reconhece-se na história que conta a si próprio sobre si próprio”* (in Nóvoa, 1992: 24).

Dado que *“as práticas educativas estão muito dependentes das experiências comunicativas dos professores”* (cf. Andrade, 1997; Araújo e Sá, 1996; Bailey *et al*, 1996; Moreira, 1990), este processo possibilitará uma reflexão passado-presente-futuro, reflexão esta ao nível das experiências e momentos mais significativos do seu percurso pessoal, que julgamos permitir um outro olhar para acções futuras, fomentando práticas pedagógico-didáticas mais abertas às línguas e culturas.

## Objectivos

Implementar a biografia linguística ao nível da formação inicial de professores como estratégia para:

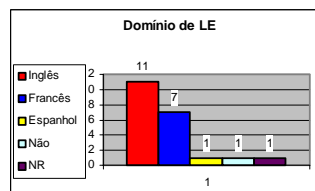
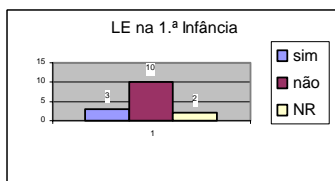
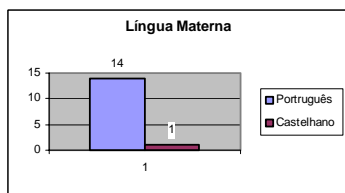
- Reflectir acerca da diversidade linguística e cultural no Mundo e reconhecer o interesse da sua preservação;
- Consciencializar o papel das línguas e sua aprendizagem para o desenvolvimento da solidariedade entre os povos, reconhecendo as vantagens do diálogo intercultural e interlinguístico;
- Criar e desenvolver o gosto por outras línguas e culturas, reconhecendo-lhes as funções e estatutos;
- Reflectir sobre as implicações da política linguística europeia e nacional;
- Sensibilizar para a importância da introdução das línguas estrangeiras nos primeiros anos de escolaridade;
- Reflectir sobre as representações e ideias preconcebidas acerca das línguas, culturas e sua aprendizagem;
- Conhecer as suas potencialidades linguístico-comunicativas;
- Conhecer as suas potencialidades de educador linguístico;
- Desenvolver capacidades de auto- e hetero-reflexão.

## Resultados

Os resultados apresentados são fruto de um inquérito por questionário sobre *As línguas na formação de professores*, realizado no âmbito de uma disciplina curricular do 3.º ano da Licenciatura em Ensino Básico-1.º Ciclo e Licenciatura em Educação de Infância, intitulada *Ensino Precoce de Línguas Estrangeiras*, frequentada no ano lectivo de 2001-2002 por 15 alunos.

Pretendia-se diagnosticar as representações dos futuros professores em formação acerca das línguas, através de um processo reflexivo de auto-análise que colocasse o futuro professor no centro dessa reflexão, de modo a rentabilizar a sua biografia linguística.

### O Bilhete de Identidade Linguístico da Turma



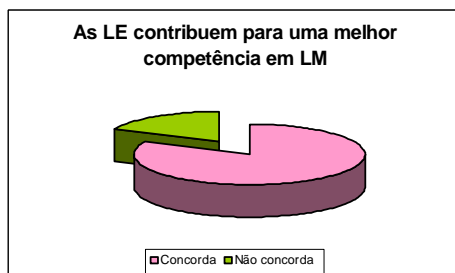
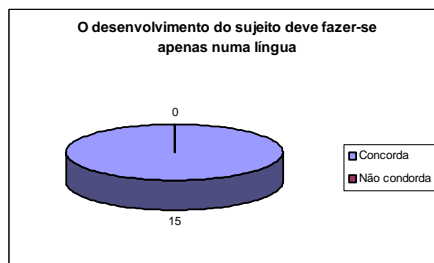
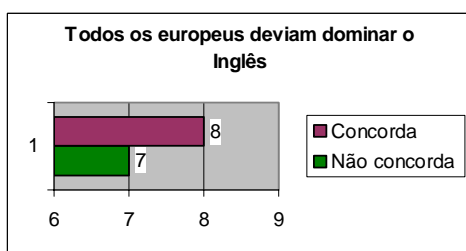
À imagem da grande maioria dos aprendentes portugueses estamos perante uma turma bastante homogénea no que respeita a Língua Materna (LM) dos sujeitos, o Português (o Castelhana é apenas mencionado por um), apesar desta realidade se ter vindo a alterar nos últimos tempos. De igual modo, o contacto com Línguas Estrangeiras (LE) nos

primeiros anos de escolaridade foi muito reduzido (apenas 3 sujeitos), o que, de algum modo, nos permite concluir que o contacto escolar com diferentes línguas é limitado e que o PLM constitui a língua maioritária de desenvolvimento. Em relação às LE aprendidas (quer em contexto escolar, contexto com maior incidência, quer em aprendizagens não-formais) deparamo-nos com uma predominância das grandes línguas internacionais, o Inglês, logo seguido do Francês.

## O Sujeito e as Línguas



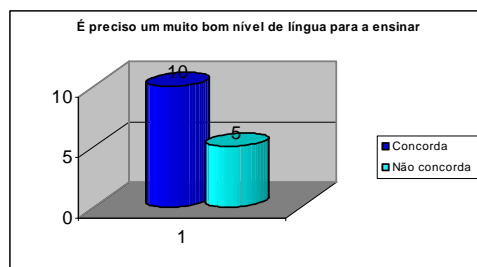
Num campo mais intrapessoal, os sujeitos revelam atitudes de afectividade em relação às línguas. Muitas das representações que possuem advêm da quantidade dos contactos linguísticos. Afirmam que é importante uma predisposição para a aprendizagem das línguas, chegando a afirmar que *há línguas que não aprenderiam* e que *as línguas têm a sua beleza própria, mas para as apreciarmos temos que as conhecer*.



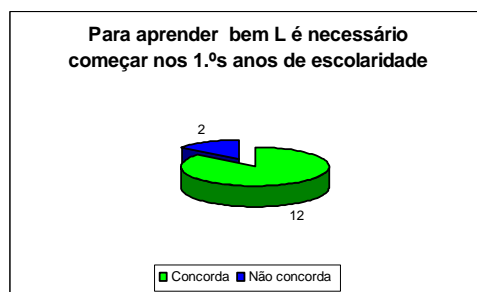
Os gráficos aqui apresentados remetem-nos de imediato para algumas contradições sentidas ao longo da análise.

Quando confrontados com a questão da língua universal (LU), verificamos que há um equilíbrio nas respostas. Concedem importância ao Inglês como LU dada a necessidade de *haver uma língua comum em que todos poderiam comunicar*. Os que discordam (7) argumentam que *o Inglês é importante, mas não é só esta língua*. No entanto, é curioso verificar que praticamente todos compreendem a importância das línguas (12 advogam uma maior oferta linguística no contexto escolar, apontando para questões pragmático-comunicativas). Embora a totalidade dos sujeitos concorde que o desenvolvimento do sujeito se deve fazer apenas numa língua, contradizem-se ao afirmar que as línguas os enriquecem social e politicamente – *desse modo podemos conhecer outras culturas e favorecer a solidariedade entre povos* e que as LE permitem desenvolver uma maior competência em LM.

## Eu como Professor face às Línguas e Culturas



Quando levados a perspectivar-se como educadores linguísticos e a reflectir sobre as suas potencialidades linguístico-comunicativas, revelam grande relutância em apresentar línguas que não conhecem e, mesmo em relação à LE que consideram ter alguma competência, levantam questões de auto-confiança – *se não tenho perfeitas competências para leccionar determinada língua, não o farei*. Este aspecto indica-nos que estes sujeitos não reconhecem as suas potencialidades como educadores linguísticos, capazes de sensibilizar à diversidade linguística e cultural.



Apesar de ainda não se perspectivarem como educadores linguísticos, acreditam que a aprendizagem de LE se deve iniciar cedo – *é necessário que desde cedo ensinemos às crianças [línguas], pois as suas capacidades de aprender e desenvolver competências são maiores*. No entanto, mais de metade (8) considera que o ensino de LE nestes níveis pode ir no sentido de uma sensibilização, ao afirmarem que *não se deve bombardear logo as crianças com aprendizagens efectivas*.

Dado que estão numa fase inicial de reflexão acerca das línguas e culturas e do seu futuro papel como educadores linguísticos, estes sujeitos manifestam, apesar de algumas contradições, atitudes de abertura perante as línguas e sua inclusão nos currículos dos primeiros anos de escolaridade, reconhecendo que necessitam de formação que lhes permita trabalhar pedagógica e didacticamente as línguas.

#### Pontos de Partida

Tendo por base os dados obtidos, aqui brevemente exemplificados, os futuros professores foram alvo de um Programa de Sensibilização à Diversidade Linguística e Cultural. Neste sentido, o que inicialmente foi encarado como uma reflexão individual tornou-se numa estratégia de formação (construção da sua Biografia Linguística, na forma de um Diário de Bordo), dado que tendo sido confrontados com as suas próprias contradições e a sua pouca cultura linguística, estes alunos debateram as suas posições, tendo encarado a história linguística como algo que se pode ir refazendo. Este facto permitiu-lhes chegar ao fim com uma perspectiva mais rica e complexa sobre a diversidade linguística e cultural, identificando-a como uma componente também individual.

Além disso, constituíram um Dossier intitulado “O Mundo das Línguas e das Culturas”, que os levou à planificação de sessões de sensibilização às línguas nos primeiros anos de escolaridade. Estas experiências tornaram-nos mais conscientes da complexidade da política linguística e do papel que terão que vir a desempenhar como educadores/formadores linguísticos. Recorrendo a palavras suas, “*é necessário que essa tomada de consciência se apodere de todos nós, de modo a que me seja possível compreender a variedade, aceitar a diferença e valorizar a diversidade, de modo que os meus futuros alunos possam ficar, também eles, com essa noção, assim como espero que a minha futura carreira profissional se pautar por uma sensibilização à existência do Outro, de Outros diferentes de nós, mas também eles, únicos, e de variadas línguas espalhadas pelo mundo*”.